

Examinando o racismo de narrativas colonialistas transatlânticas: resenha do livro *Decolonizing sambo*, de Shirley Anne Tate

João Victor A. Krieger¹

Recebido em março de 2022

Aceito em junho de 2022

TATE, S. A. **Decolonizing Sambo**: transculturation, fungibility and black and people of colour futurity. Bingley, UK: Emerald Publishing, 2019.

Introdução

O racismo contemporâneo, através de diferentes práticas e manifestações, permanece carregado de narrativas que se difundiram pelo globo através das eras. Em sociedades estruturadas pelo racismo e colonialismo, a identidade social atribuída a sujeitos racializados, negros em especial, reproduz construções simbólicas historicamente elaboradas para legitimar a dominação e supremacia branca-europeia. Na obra *Decolonizing sambo: transculturation, fungibility and black and people of colour futurity* (2019), Shirley Anne Tate investiga a circulação de estereótipos racistas através do mundo colonial escravista que perduram (ou, conforme a autora, assombram) no imaginário atual e que seguem presentes no imaginário racista. “sambo”² é a identidade que serve como

¹ Doutorande do programa de Sociologia pela University of Alberta (Edmonton, Canadá), com especialização doutoral em teorias decoloniais e de raça. Mestre em Sociologia pela mesma instituição e bacharel em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Temas de pesquisa: criminologia crítica, governamentalidade, teoria decolonial, sociologia do direito. Contato: jkrieger@ualberta.ca.

² Nesta resenha, utilizarei a grafia “sambo” em letras minúsculas. Essa opção segue o exemplo que a autora utiliza ao longo do livro, referindo-se ao fato de sambo não ser um nome próprio que designa um indivíduo em particular, mas sim um aspecto de fungibilidade e transculturalidade.

objeto de análise através do livro, servindo de exemplo e modelo de comparação para o estudo da construção de outras identidades raciais coloniais.

Shirley Tate desenvolve sua análise teórica através de uma pesquisa empírica com uma miscelânea de métodos de estudo históricos, arqueológicos, arquivísticos e etnográficos. Para fundamentar sua investigação, a autora explora em sua obra documentos, fotografias, livros infantis, artigos de museu, objetos colecionáveis, anúncios publicitários, produtos alimentícios, relatos próprios e de terceiros, entre outras fontes. Tate avaliou esses itens à luz de teorias críticas de raça e decoloniais para expor suas origens e significados. A diversidade de materiais analisados demonstra as múltiplas formas de representação do arquétipo sambo em objetos culturais – tanto do passado quanto atuais. O estudo abordou essas manifestações de sambo em diferentes sociedades ao redor do globo, alcançando Austrália, África do Sul, Trinidad e Tobago, Flórida, Jamaica, Espanha, as nações que constituíram as Índias Ocidentais Dinamarquesas (ou Antilhas Dinamarquesas), as Índias Ocidentais Holandesas (ou Caribe Holandês) e o Reino Unido. Assim, a autora demonstra a permanência de sambo enquanto uma narrativa racista que permeia diferentes povos interligados pela rede colonial transatlântica.

Situando a obra

Conforme argumentado por Patricia Williams, “O racismo é uma fantasia virtual que consome histórias, redireciona empatia e consolida o medo” (2021, p. 62 tradução nossa). Em outras palavras, o racismo é uma tecnologia sociopolítica que condiciona as relações entre indivíduos e grupos. Estudar o racismo nos permite compreender a distribuição de privilégios e afetos na sociedade. Também possibilita a compreensão das estruturas sustentadas em preconceitos raciais que impactam a vida tanto de brancos quanto de não-brancos. Nesse sentido, a compreensão crítica sobre o racismo é necessária para a romper com as hierarquias racistas vigente em tantas partes do mundo, embasando a luta antirracista.

O trabalho de Tate em *Decolonizing sambo* se insere nessa tradição de arqueologia crítica de símbolos que estruturaram o racismo histórico que permanece atual. Assim como Aníbal Quijano (1992, p. 14) assinalou que o declínio de uma forma-política colonial não implica na superação de suas estruturas (cuja permanência ele chamou de “colonialidade”), da mesma forma o fim de políticas racistas (como escravidão, segregação e discriminação explícita) não erradica do imaginário popular ideias que sustentam a inferioridade de negros, indígenas e demais povos não-brancos. Tate explora os mitos e lendas que construíram o estereótipo de sambo para, em seguida, analisar situações que demonstram sua permanência em diferentes países. A difusão de narrativas em torno do sambo pelo mundo – possibilitada pela circulação de bens, pessoas e ideais através da estrutura colonial transatlântica – aponta para o caráter transnacional e transcultural deste símbolo de subjeção racial (TATE, 2019, p. 9).

A autora adverte, contudo, que a análise sobre sambo não revela tanto sobre a negritude, mas sim sobre a branquitude. sambo, segundo a autora (TATE, 2019, p. 19), é um elemento constitutivo da psiquê branca. O arquétipo sambo, assim como os símbolos que o acompanham (descritos adiante), foi construído pela branquitude colonialista para atribuir uma suposta condição de inferioridade inerente à raça negra. Essa narrativa serviu aos desígnios de proprietários de pessoas escravizadas e demais brancos dessas sociedades de consolidar a subalternidade dos negros na mentalidade social. Contudo, atuou também como uma autodeclaração racial em oposição ao arquétipo em questão. Assim, a branquitude pode se afirmar como aquilo que os negros (sambos) não são, reiterando sua alegada posição social de superioridade.

Em um cenário contemporâneo, a sobrevivência simbólica de sambo, sustentada na fragilidade e inocência branca, aponta para uma nostalgia e melancolia colonialista (TATE, 2019, p. 153); posto de outra forma, ela expressa a relutância da parte de brancos para abolir estruturas que sustentam a sua supremacia e privilégio. Consequentemente, sambo expressa o fenômeno que Grada Kilomba (2008, p. 13) definiu como uma reformulação de preconceitos do passado no presente, reforçando uma realidade traumática para aqueles afetados.

Para auxiliar a compreensão do tema abordado por Tate em sua obra, é importante descrever o arquétipo sambo e demonstrar sua manutenção enquanto um artefato de poder racial (bio e necropolítico) na atualidade.

O arquétipo sambo no passado e presente

Conforme mencionado, sambo é uma construção arquetípica da psiquê branca construída para declarar a inferioridade de negros e, ao mesmo tempo, afirmar a dominação branca. sambo simboliza infantilidade, imaturidade e dependência. O mito que o representa é o de um jovem negro escravizado que se comporta como uma criança e tem uma relação de admiração paternal com os brancos escravizadores e proprietários de pessoas escravizadas (TATE, 2019, p. 19). sambo expressa ingenuidade frente ao mundo que o rodeia, incluindo a alienação da própria situação de escravidão e servidão. Sua ignorância se manifesta com um caráter cômico para os brancos, aludindo a ridicularização do personagem. Por essa razão, sambo é visto como alguém a ser tutelado, guiado e governado para seu próprio bem.

Essa caricatura sobreviveu ao regime de escravidão e sua alegoria racista fundamentou muitos estereótipos e performances associadas a pessoas negras. sambo pode ser encontrado em diferentes contextos e eras, sempre exprimindo a mesma mensagem simbólica: “[...] o potencial de decadência para a infra-humanidade através da miscigenação (TATE, 2019, p. 31, tradução nossa). Visto como ontologicamente (isto é, por essência) como inferior, sambo serve como uma advertência da contaminação racial. O aspecto ridículo representado em sambo o coloca como um mal racial a ser isolado. Nessa lógica, sua inclusão na sociedade branca é limitada a um status de servidão e inferioridade, pois a igualdade e miscigenação significariam a involução racial dos brancos.

Para além da alegoria, sambo também foi um nome imposto por escravizadores para escravizados. Indivíduos escravizados eram alienados de seus nomes para serem chamados de sambo. Assim, sambo se tornou uma tecnologia de transculturação de africanos e seus descendentes, impedindo-os de se identificar com seu local de origem, sua

língua natal, sua cultura e sua comunidade. Simultaneamente, essa identificação aponta a fungibilidade desses indivíduos, isto é, o aspecto de um objeto comercializável e substituível (TATE, 2019, p. 24). Um sujeito negro escravizado, dentro dessa lógica, poderia ser descartado e substituído por outro sambo, uma vez que não há distinção qualitativa entre sambos. Assim como um instrumento, essa fungibilidade convém ao sistema de exploração do trabalho típico da escravidão, mas também do capitalismo racial moderno (vide ROBINSON, 2000) baseado em trabalho livre e precarizado. Em último grau, sambo opera a desumanização de corpos negros.

Na contemporaneidade, os símbolos que sambo representa são continuamente reproduzidos coletivamente através do racismo cotidiano (TATE, 2019, p. 44). sambo, enquanto um elemento narrativo e performático, pode ser encontrado em lendas, histórias, canções e roteiros. Tate demonstra que o capitalismo racial segue explorando sambo, transformando-o em um objeto de consumo em atrações turísticas, peças de museu e memorabilia colecionável:

A governamentalidade racista opera abertamente em conjunto com o poder político, cultural, epistêmico e econômico dos brancos para continuar reproduzindo sambo enquanto uma commodity inserida no mercado de objetos colecionáveis e descartáveis do capitalismo racial (TATE, 2019, p. 110, tradução nossa).

Nesse sentido, corpos e identidades negras seguem explorados como ícones consumíveis, fungíveis e dispensáveis. Para Tate, esse consumo expressa uma dimensão libidinal, uma vez que desperta desejos e afetos nos consumidores brancos. Ao consumir sambo, isto é, se relacionar com esse símbolo para autossatisfação, o público manifesta emoções diversas em relação a um tempo passado. Nostalgia, luto, condescendência, convivialidade ou autoafirmação são sentimentos que os consumidores tendem a expressar em relação a sambo. Como regra, esse consumo é feito sem responsabilidade histórica ou compreensão crítica sobre o que sambo representa, o que sustenta a manutenção deste arquétipo. Articulado sobre uma epistemologia de ignorância, consumidores são induzidos a uma “amnésia-afasia” simbólica (TATE, 2019, p. 94), ou seja, um esquecimento

conveniente e desresponsabilização com a violência racial estrutural. A branquitude tenta assim mascarar seu papel histórico na colonialidade e escravidão ao emular benevolência em relação ao Outro inferiorizado (TATE, 2019, p. 121). Assim, preserva-se a fragilidade e ignorância branca em uma sociedade que contraditoriamente se declara pós-racial (vide BONILLA-SILVA, 2018; GOLDBERG, 2015).

Considerações finais

A obra de Tate oferece uma contribuição valiosa para o campo de estudos críticos sobre raça e relações raciais. Ao se empenhar na análise do arquétipo sambo, a autora proporciona uma compreensão inédita de como este símbolo em particular moldou e afetou a identidade de indivíduos negros e negras em diferentes locais do globo. Para além de sambo, o argumento do livro permite um entendimento crítico sobre outros mitos, estereótipos e narrativas que condicionam a vida de pessoas racializadas como não-brancas.

Decolonizing sambo, portanto, se insere em uma corrente teórica que explora a construção da subjugação racial. A obra aprofunda os estudos de Sylvia Wynter (1994, 1995, 2003) sobre a relação entre colonialismo, racismo e a atribuição do status de “ser humano” conforme compreensões de raça. Podemos relacionar o trabalho de Tate ainda com o conceito que Christina Sharpe (2010) denominou como intimidades monstruosas. Em sua análise, Sharpe explora diferentes manifestações contemporâneas com raízes históricas que perpetuam noções de inferiorização de corpos negros e demonização de suas relações. Segundo ela, esses modos de representação congregam conceitos contraditórios como subjugação, inocência, obediência, passividade, brutalidade, animalidade, sexualidades desviantes e terror. Trata-se de fantasias que mobilizam afetos de aversão e ódio.

Podemos interpretar sambo, portanto, como um exemplo de tais modos de representação monstruosas. sambo não conjura terror, mas sim o ridículo e o cômico, permitindo ao interlocutor se afirmar enquanto alguém superior e benevolente (articulando a inocência branca, conforme mencionado anteriormente). sambo incorpora, assim, a passividade e dependência em relação à branquitude. Contudo, em um movimento

dialético, o sujeito branco simultaneamente constrói a si mesmo dentro da mesma narrativa, no papel oposto. Dessa forma, de acordo com o argumento de Sharpe (2010, p. 182), sambo torna a branquitude e sua psiquê mais evidente.

A leitura de *Decolonizing sambo* adquire especial importância em um momento de visibilidade de lutas antirracistas e decoloniais. Ela traz à tona o papel (e a responsabilidade atual) da branquitude no racismo cotidiano. Além disso, demonstra ilustrativamente o fenômeno dialético de classificação e autoclassificação perpetrado pelo olhar branco – segundo Franz Fanon (2008, p. 104), uma estruturação definitiva do eu e do mundo.

De acordo com Tate, sambo permanece vivo em sociedades marcadas pelo colonialismo e racismo. Ele segue cumprindo sua função de representar cenas de subjeção e, assim, constituir identidades inferiorizadas. Para romper com esse ciclo, Tate defende a erradicação deliberada de sambo (TATE, 2019, p. 154). Ela coloca como condição de um horizonte antirracista, portanto, a abdicação deste arquétipo pela psiquê branca. Enquanto não acontecer a responsabilização da branquitude pelo seu papel de criadores e perpetradores do racismo, sambo permanecerá vivo e ativo no imaginário social.

Referências

BONILLA-SILVA, E. **Racism without racists: color-blind racism and the persistence of racial inequality in America**. Fifth edition ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2018.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução: Renato Da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOLDBERG, D. T. **Are we all postracial yet?** Malden, MA: Polity Press, 2015.

KILOMBA, G. **Plantation memories: episodes of everyday racism**. 1. ed. Münster: Unrast, 2008.

QUIJANO, A. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. **Perú Indíg.**, v. 13, n. 29, p. 11–20, 1992.

ROBINSON, C. J. **Black marxism: the making of the Black radical tradition**. Chapel Hill, N.C: University of North Carolina Press, 2000.

SHARPE, C. **Monstrous Intimacies: Making Post-Slavery Subjects**. Durham & London: Duke University Press, 2010.

TATE, S. A. **Decolonising Sambo: transculturation, fungibility and black and people of colour futurity**. Bingley, UK: Emerald Publishing, 2019.

WILLIAMS, P. **Giving A Damn: Racism, Romance and Gone with the Wind**. London: TLS Books, 2021.

WYNTER, S. No Humans Involved: an open letter to my colleagues. Em: **Forum N. H. I. Knowledge for the 21st Century, Vol. 1, No. 1**. Stanford: Institute N. H. I., 1994. p. 42-73.

WYNTER, S. 1492: A New World View. Em: HYATT, V. L.; NETTLEFORD, R. (Eds.). . **Race, Discourse, and the Origin of the Americas: A New World View**. Washington: Smithsonian, 1995. p. 5-57.

WYNTER, S. Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human, After Man, Its Overrepresentation - An Argument. **CR: The New Centennial Review**, v. 3, n. 3, p. 257-337, 2003.